

Bagoas

ESTUDOS GAYS

Gênero e Sexualidades

ALÍPIO DE SOUSA FILHO
EDITOR

3

Proposta Editorial

Publicação semestral de estudos teóricos, pesquisas empíricas, ensaios e resenhas sobre as temáticas de gênero e sexualidade, com destaque para os estudos gays, lésbicos e queer sobre homossexualidades, lesbianidades, transexualidades. A revista publica igualmente trabalhos de teoria social, direitos humanos, cultura e política que dialoguem com a temática central.

A revista tem registo no Sociological Abstracts

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Bagoas : revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. - V. 1, n. 1 jul./dez. 2007)- . - Natal : EDUFRN, 2007- .
v. ; 23 cm.

Semestral.

Início: jul./dez. 2007.

Editor: Alípio de Sousa Filho.

Descrição baseada em: v. 1, n.1, jul./dez. 2007.

ISSN 1982-0518

1. Ciências Humanas e Sociais - Periódico. 2. Sexualidades - Periódico.
3. Ética sexual - Periódico. 4. Ética moral - Periódico. 5. Homossexualidades - Periódico. I. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. II. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 168.522:3(05)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitor: José Ivonildo do Rêgo

Vice-Reitora: Ângela Maria Paiva Cruz

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Diretor: Márcio Moraes Valença

Vice-Diretora: Maria da Conceição Fraga

Editor

Alípio de Sousa Filho

Editores Adjuntos

Antonio Eduardo de Oliveira

Cinara Nahra

Secretário

Eider Madeiros

Assessoria de Comunicação

Laurisa Alves

Comissão Editorial

Carlos Guilherme Valle

Durval Muniz Albuquerque Júnior

Makarios Maia

Márcio de Lima Dantas

Maria das Graças Pinto Coelho

Consultoria Editorial

Adriana Piscitelli – UNICAMP

Adriana Resende Barretto Vianna – UFRJ

Alessandro Soares da Silva – USP

Alexandre Câmara Vale – UFC

Berenice Bento – UFRN

Daniel Welzer-Lang – Univerité Toulouse 2 – França

David Foster – Arizon University – EUA

Denílson Lopes – UFRJ

Eugênia Correia Krutzen – UFPB

Fabiano Gontijo – UFPI

Fernando Bessa Ribeiro – UTAD – Portugal

Fernando Villamil – Universidad Complutense de Madri – Espanha

Francisco Oliveira Barros Junior – UFPI

James Noyle Green – University of Brown – USA
Joel Birman – UFRJ
Júlio Simões – USP
Ilza Matias de Sousa – UFRN
Laura Moutinho – USP
Leandro Colling – UFRBA
Luiz Fernando Dias Duarte – UFRJ
Luiz Mello de Almeida Neto – UFG
Luiz Mott – UFBA
Lourdes Bandeira – UnB
Marcos Antônio Costa – UFRN
Márcia Aran - UERJ
Maria Helena Braga – UFRN
Maria Luiza Heilborn – UERJ
Michel Maffesoli – Sorbonne – França
Miguel Vale de Almeida – ISCTE – Portugal
Miriam Grossi – UFSC
Peter Fry – UFRJ
Ricardo Barrocas – UFC
Paulo Roberto Ceccarelli – PUC-BH
Regina Facchini – UNICAMP
Robert Howes – University of London – Inglaterra
Rogério Diniz Junqueira – Consultor/MEC
Sérgio Carrara – UERJ
Steven Butterman – University of Miami/EUA
Severino João Albuquerque – University of Wisconsin/EUA
Tânia Navarro-Swain – UNB
Toni Reis – ABGLT

Revisão

Risoleide Rosa Freire de Oliveira
Júlia Ribeiro Fagundes
Oscar Maurício Gómez Gómez (para o Espanhol)

Projeto Gráfico

Janilson Torres

Capa

Janilson Torres (a partir da obra anônima "Master of the garden de vertueuse consolation" - 1470-1475 d.c. - , na qual Bagoas é retratado, intercedendo por Nabarzanes, diante de Alexandre Magno).

sumário

EDITORIAL 9

ARTIGOS 13

Lesboerotismo y la masculinidad de las
mujeres en la España franquista
*Lesboerotism and female masculinities
in the Francoist Spain*
Raquel Platero Méndez 15

Família homoafetiva
Homoaffective family
Maria Berenice Dias 39

O corpo inserido em diversas lógicas culturais:
uma poética da sexualidade
*The inserted body in a diversity of cultural logics:
a poetics of sexuality*
Danielle Perin Rocha Pitta 65

Vestido de Antropólogo:
nudez e corpo em clubes de sexo para homens
*Dressed as an Anthropologist:
nudity and body in sex clubs for men*
Camilo Albuquerque de Braz 75

Mulheres partidas: poética e política
das imagens fílmicas da mulher
*Broken women: the poetics and politics
of film images of women*
Maria Helena Braga e Vaz da Costa 97

Corpo, memória e AIDS na obra de
Caio Fernando Abreu
*Body, memory and AIDS in the Works of
Caio Fernando Abreu*
115 **Antonio Eduardo de Oliveira**

Diversidade sexual e trabalho:
reinvenções do dispositivo
*Sexual diversity and work:
dispositive reinventions*
127 **Manoela Carpenedo Rodrigues**
Henrique Caetano Nardi

Feminismo, mercado de sexo e turismo:
reflexões sobre as múltiplas faces e
interpretações do sexo mercantil
*Feminism, sex market and tourism:
reflections about the multiple faces and
interpretations of the market sex*
145 **Tiago Cantalice**

Jornal do Nuances:
análise da construção de um periódico gay
The Jornal do Nuances:
analysis of the construction of a periodical gay
179 **Fernando Luiz Alves Barroso**

205 **RESENHAS**

MORANDO, Luiz. *Paraíso das maravilhas:*
uma história do crime do parque.
Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
207 **Luciano de Melo Sousa**

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*.
Espanha: Bellaterra, 2001.
Felipe Bruno Martins Fernandes

213

ENGEL, Stephen M. *The Unfinished Revolution: social
movement theory and gay and lesbian movement*.
Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Frederico Viana Machado
Frederico Alves Costa

221

NORMAS

233

Bagoas

para Ceiça

No retorno das férias, na entrada do prédio que todos chamamos Azulão, no campus da UFRN, fomos informados pelo porteiro, seu João, da morte de Ceiça. Maria da Conceição Freire da Silva, Ceiça, como a chamávamos, morreu dias antes, vítima de choque elétrico em sua própria casa. Para quem não a conheceu, Ceiça trabalhava como auxiliar de serviços gerais e, durante algum tempo, ocupou-se do “cafezinho” do CCHLA. Nos últimos anos, dava apoio às atividades de venda no espaço-livraria Humanitas. Franzina, desengonçada, com seu inconfundível jeito de andar com o rosto virado para o alto, compunha, com Martinha, seu Germano, Borges e seu João, o grupo daqueles que trabalham nas margens, nas extremidades, invisibilizados pelos códigos sociais (de nossas arrogâncias e elitismos) que separam e hierarquizam.

Ceiça era uma entusiasta da *Bagoas*. Nas ocasiões em que tínhamos exemplares à venda no espaço Humanitas, ela anunciava entusiasmada: “a revista não para de vender”. Outras vezes, lembrava a necessidade de reposição do estoque: “professor, está faltando revista... não pode deixar faltar”. Dizia essas palavras como que numa torcida pela *Bagoas*. Ríamos com seu jeito e palavras e sentíamos-nos apoiados pela pessoa talvez mais simples em *status* dentro do Centro de Ciências Humanas. Aquela mulher simples, em sua humildade, transmitia animação, apoio, alegria. Sua humildade não era ingenuidade: Ceiça sabia o produto que vendia. Ela sabia, pelo título “estudos gays”, pelo que se diz em torno da palavra “gay” – a qual, para nenhuma dúvida, está na capa, provocando apoio ou ladrados homofóbicos –, que a revista que ajudava a vender e difundir continha outras tantas palavras em reflexões que, mesmo sem compreendê-las (inteiramente?), certamente sabia que concernia a questões em torno das quais se faz ainda profundo silêncio ou se cerca de murmuração maledicente.

Mesmo quando o ambiente é a universidade, a murmuração é igual, pois nele, como lá fora, atuam os muitos agentes da homofobia. Alguns destes disfarçados de estudantes, funcionários, professores, alguns até disfarçados de “professores-doutores”, que, de maneiras veladas ou explícitas, perguntam do porquê do financiamento de uma revista de “estudos gays” na universidade e perguntam também do porquê do destaque para “gays”. Essas são perguntas cujos propósitos são conhecidos: quando o assunto são as homossexualidades, sexualidades transgressoras, figuras de gênero dissidentes da norma, a vontade homofóbica é a imposição do silêncio: invisibilidade, indiferenciação, promoção da ideologia da vergonha e da política do armário (como já denunciaram autores como Didier Eribon, Judith Butler, Eve Sedgwick, Adrienne Rich, entre outros). Na crítica ao que de práticas preconceituosas se pode ainda encontrar na universidade, não falta realismo. Bem sabemos que o espaço universitário é extensão do espaço social e de tudo que este contém. Todavia, considerando as funções para as quais a universidade deve existir, não é menos realista cobrar que nela o preconceito não tenha lugar.

Por essa razão, no ambiente em que doutos são praticantes da política do preconceito e do desdém para com homossexuais, a atitude de Ceiza representou sempre um estímulo. Mulher que integrava as camadas empobrecidas da sociedade brasileira, que foi submetida à exclusão e à marginalização pela sua condição de classe e gênero, ela, na sua ética, numa solidariedade sem alarde, incentivava um investimento intelectual destinado à reflexão teórica sobre as variações do desejo, da sexualidade, das construções de gênero, com ênfase para as homossexualidades, que é igualmente investimento crítico e de denúncia de representações arbitrárias e infundadas, ainda dominantes nas nossas sociedades, que sustentam práticas de preconceito e discriminação contra gays, lésbicas, travestis e transexuais. Alguns destes que, também por condição de classe, engrossam a banda dos que experimentam em dobro formas de exclusão e marginalização: realidade de gays e lésbicas pobres, realidade da maior parte de nossas travestis. Ou realidade de negros e mulheres das camadas sociais empobrecidas. A lembrança daquela mulher simples ajudará a não esquecermos os significados em comum das lutas, mas igualmente a

realidade das vidas, de indivíduos oprimidos por representações depreciativas, discriminatórias, sejam estas a homofobia, o racismo, a opressão de gênero ou o preconceito de classe.

Quando o assunto é o preconceito e a opressão de indivíduos, em razão de sexualidade, construções de gênero, etnia, cor da pele, origem social, não se pode mais admitir, sob qualquer pretexto, a omissão da educação escolar pública, no que se incluem as universidades. Quando pesquisa recente demonstra que os livros didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação às escolas públicas ignoram a homossexualidade,¹ não temos dúvida do papel que cumprem publicações como a *Bagoas*.

O silêncio em torno da homossexualidade não é obra do acaso, mas algo produzido na história e com propósitos deliberados. Ocultando-se sua existência, produz-se a ilusória ideia da heterossexualidade como única e natural, fonte da opressão de gays, lésbicas, travestis e transexuais, que veem seus desejos patologizados, transformados em anomalias, erros. Concepção ideológica que estudos como os que temos publicado tentam desconstruir e desmascarar, e que pesquisadores de diversas partes conseguem demonstrar ser uma parte da história de construção da dominação social, em suas diversas formas, nas nossas sociedades. Um bom exemplo recente desses estudos é o livro do historiador Louis-Georges Tin, *L'invention de la culture hétérosexuelle*, que apresenta os exemplos das disputas e lutas para a instituição da cultura da heterossexualidade ao longo dos séculos na história da Europa. Como ali está, trata-se de retirar a heterossexualidade da ordem da natureza e inscrevê-la na ordem da cultura e da história.

A publicação de nosso terceiro número reúne textos de pesquisas e reflexões sobre aspectos da realidade brasileira, mas igualmente da realidade mundial. Em conjunto, constituem leituras de experiências vividas, ontem ou hoje, de ações de resistência e lutas, de novas perspectivas da lei, de novos modos de conceber a sexualidade de homens e mulheres, de representações no cinema ou na literatura,

¹ A pesquisa foi realizada pela ONG Anís, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), nos últimos dois anos, com 61 dos 98 livros didáticos de maior distribuição no ensino fundamental e médio. (ABGLT, 2009)

que exprimem vivências do sexual e imagens do masculino e do feminino, em suas relações com a história e as transformações sociais.

Nossos autores trazem a reflexão sobre uma verdade, apresentando-a cada um à sua maneira: para além da ideologia da naturalização da sexualidade, sua patologização no discurso médico-científico, sua sacralização no discurso religioso ou ainda sua criminalização, existem corpos, pessoas que desejam, imaginam, fantasiam e que não se deixam governar por construções arbitrárias, culturais, sócio-históricas que procuram inscrever a todos em lógicas redutoras do prazer e do desejo.

Estamos felizes em oferecer aos leitores e leitoras mais um número da *Bagoas*. Boa leitura!

Alípio de Sousa Filho

Editor

Artigos

